

**ARQUIVOS, DOCUMENTOS E ENSINO DE HISTÓRIA:
DESAFIOS CONTEMPONÂNEOS**

© 2017 Copyright by Altemar do Costa Muniz

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Efetuado depósito legal na Biblioteca Nacional

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Editora da Universidade Estadual do Ceará – EdUECE

Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – Campus do Itaperi – Reitoria – Fortaleza – Ceará

CEP: 60714-903 – Tel: (085) 3101-9893

Internet: www.uece.br/eduece – E-mail: eduece@uece.br

Editora filiada à



Coordenação Editorial

Erasmo Miessa Ruiz

Diagramação

Adauto Rufino de Lima Neto

Capa

Narcélio Lopes

Revisão de Texto

Francisco Jardes Nobre de Araújo

Ficha Catalográfica

Lúcia Oliveira CRB - 3/304

A772 Arquivos, documentos e ensino de história: desafios contemporâneos / Altemar de Costa Muniz, Tito Barros Leal (Orgs.). - Fortaleza : EdUECE, 2017.

374 p.

ISBN: 978-85-7826-582-3

1. História - Cultura e ensino. 2. História cultural. 3. História - Saúde. I. Muniz, Altemar de Costa. II. Leal, Tito Barros. III. Título.

CDD: 907

Sumário

PARTE I

A formação do Historiador: Articulando a Docência e a Pesquisa

A DUPLA CERTIDÃO DE NASCIMENTO DO ESCOLA SEM PARTIDO: ANALISANDO AS REFERÊNCIAS INTELECTUAIS DE UMA RETÓRICA REACIONÁRIA

Fernando de Araújo Penna

Diogo da Costa Salles 13

ENSINO DE HISTÓRIA: ENTRE A FORMAÇÃO E A DOCÊNCIA

Maria Nahir Batista FerreiraTorres..... 39

PROJETOS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA NA E.E.F.M TENENTE MÁRIO LIMA: APRENDIZAGEM HISTÓRICA DE ESTUDANTES EM PAUTA

Augusto Ridson de Araújo Miranda 57

PESQUISA E ENSINO DE HISTÓRIA NA REDE ESTADUAL DO CEARÁ

Geovanio Carlos Bezerra Rodrigues (INTA-Sobral)

Fátima Maria Leitão Araújo (UECE)..... 79

PARTE II

Questões Teóricas e Metodológicas na História Cultural

ALGUMAS QUESTÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS PARA A HISTÓRIA CULTURAL – AS NOÇÕES DE REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS E INCONSCIENTE NAS CIÊNCIAS HUMANAS

Nádia Maria Weber Santos 111

HISTÓRIA MEDIEVAL E CULTURA ESCRITA. POSSIBILIDADES DA PESQUISA NA HISTORIOGRAFIA CEARENSE

Gleudson Passos Cardoso

José Lucas Cordeiro Fernandes

Luan Lucas Araújo Morais..... 137

DO EGITO PARA O MUNDO: A TRAJETÓRIA DE ROGACIANO LEITE NA CULTURA POPULAR E NA IMPRENSA NORDESTINA (1943-1969)

José Edmilson Teixeira Neto

Francisco Gerardo Cavalcante do Nascimento 183

A DUPLA CERTIDÃO DE NASCIMENTO DO ESCOLA SEM PARTIDO: ANALISANDO AS REFERÊNCIAS INTELECTUAIS DE UMA RETÓRICA REACIONÁRIA

Fernando de Araujo Penna¹
Diogo da Costa Salles²

A influência do Movimento Escola Sem Partido (MESP) nos presentes debates educacionais já pode ser sentida com uma intensidade alarmante. Tal fator surpreende quando observamos que, em pouco mais de dez anos de existência, o movimento já conseguiu estabelecer no nível das discussões e políticas públicas termos e expressões que antes não estavam tão presentes nas questões do campo da educação. Se hoje nos preocupamos com os impactos que já estão surgindo com a normalização de noções como “doutrinação ideológica” ou “ideologia de gênero” nas escolas e com as demandas por uma educação “neutra” e “despolitizada”, é porque o MESP ajudou a tornar esses temas pautas relevantes no debate público. Justamente por isso que qualquer proposta de análise do movimento deve se orientar no sentido oposto, questionando a todo momento a suposta normalidade dessas pautas e quais são os interesses que as organizam. Antes de tudo, é necessário contextualizar a própria existência do MESP e as plataformas que ele defende.

A identidade política e ideológica do MESP está profundamente relacionada com a narrativa que se consolidou a respeito de sua criação. Segundo o fundador do movimento, o advogado Miguel

¹ Professor Adjunto da Faculdade de Educação da UFF e parte do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em História Social da FFP UERJ. Doutor e Mestre em Educação pelo PPGE da UFRJ e bacharel e licenciado em história pela mesma universidade.

² Licenciatura na área de História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestrando pelo programa de História Social do Território da Faculdade de Formação de Professores da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (FFP-UERJ) na linha de pesquisa de Historiografia e Ensino de História.

Nagib, sua motivação teria nascido de um fato ocorrido de setembro de 2003. Ao ouvir de uma de suas filhas que seu professor de história havia feito uma comparação entre as trajetórias de vida de São Francisco de Assis e Che Guevara durante a aula, Nagib, que é católico, teria se sentido indignado com tal atitude, classificando-a como uma forma de “doutrinação”. A comparação evidenciaria na atitude do professor um aparente viés político-ideológico que estaria sendo passado tangencialmente para os alunos, pois, segundo Nagib: “as pessoas que querem fazer a cabeça das crianças associam as duas coisas e acabam dizendo que Che Guevara é um santo”³.

Nas semanas que se seguiram, Nagib tentaria mobilizar outros pais da escola para propor medidas contra o professor. Após ser rechaçado tanto pela direção da escola quanto pelos demais responsáveis, o advogado teria se dado conta da dimensão do problema da “doutrinação ideológica” em salas de aula. Não tendo a quem recorrer, o advogado decidiu construir as próprias ferramentas para ajudá-lo nessa disputa. Daí teria nascido o “Escola Sem Partido” (NAGIB, 2011).

Essa reconstituição não deve ser tomada somente como um apanhado factual a respeito do movimento. No decorrer dos 13 anos de existência do MESP, essa história se estabeleceu como a versão oficial de sua formação e isso não se deu por pura causalidade. Essa narrativa serve uma função específica, transmitindo a mensagem de como o movimento quer ser visto e percebido dentro do espaço público. Há nesse discurso fundador uma síntese de alguns elementos centrais de que o MESP passaria a lançar mão para demarcar seu território no debate educacional. A trajetória de Nagib, convertendo seu empreendimento pessoal – a busca de satisfações contra o professor que teria se aproveitado de sua posição de autoridade para praticar “doutrinação ideológica” em sua filha – no mote principal do

³ “O professor da minha filha comparou Che Guevara a São Francisco de Assis”. El País Brasil, Política. São Paulo, 25/6/2016. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/23/politica/1466654550_367696.html. Acesso em: 18/10/2016.

movimento que viria a criar, serve como paralelo para as pautas em torno do qual o MESP viria a se estruturar: defesa da família e de um certo arcabouço de valores, com ênfase numa orientação patriarcal e heteronormativa; imposição de uma separação entre assuntos que podem ser abordados na escola e assuntos que só devem ser tratados no espaço privado do lar; desconfiança de instituições e agentes identificadas como promotoras de interesses estatais e governamentais – escolas e professores.

É com esse discurso que o movimento encontrou e ainda encontra respaldo junto a vários setores da sociedade brasileira, especialmente da classe política, com destaque para grupos conservadores. Como resultado desse processo de legitimação, o MESP passa a assumir novos formatos. Em 2014, atendendo a pedidos do deputado estadual do Rio de Janeiro Flávio Bolsonaro (PSC), Miguel Nagib converte as determinações de seu movimento em um anteprojeto de lei, que passou a ser divulgado nos portais do MESP sob a alcunha “Por uma lei contra o abuso da liberdade de ensinar” (PENNA, 2016). A partir desse momento, o MESP buscará pelas vias institucionais do Estado as formas de se consolidar definitivamente.

Como exemplo da rápida difusão das ideias do movimento, até outubro de 2016 foram contabilizados mais de 40 projetos de lei em câmaras municipais, assembleias estaduais e no Congresso Nacional inspirados direta ou indiretamente pelos anteprojetos do MESP, que hoje contam com versões para o âmbito municipal, estadual e federal (MOURA, 2016). Na Câmara dos Deputados, onde se concentram os principais projetos de nível federal, uma Comissão Especial formada para avaliar as proposições conta com o apoio majoritário de parlamentares favoráveis ao movimento e reprodutores de seu discurso⁴.

⁴ “Foi instalada na Câmara dos Deputados comissão especial para o ‘escola sem partido’”. Professores Contra o Escola Sem Partido, 5/10/2016. Disponível em: <https://professorescontraoescolasempartido.wordpress.com/2016/10/05/foi-instalada-na-camara-dos-deputados-comissao-especial-para-o-escola-sem-partido/>. Acesso em 04/06/2017.

I. Conservadorismo e a retórica reacionária da ameaça

Propomos nesse trabalho um estudo da constituição ideológica do MESP, a partir de duas dimensões complementares: o modelo de pensamento que o movimento assume para se projetar politicamente dentro dos espaços públicos e a maneira como ele mobiliza argumentos e estratégias discursivas para garantir essa projeção.

Primeiramente, consideramos que a forma como o MESP expressa seu discurso representa uma base político-ideológica de raiz conservadora. Segundo a definição dada por Denize e José Sepulveda (2016), o conservadorismo é uma categoria histórica que deve ser abordada dentro do campo do debate da política. Daí surge um discurso conservador que lança mão de estratégias para “evitar qualquer transformação na ordem social ou melhorias reais para as classes trabalhadoras, ou para qualquer grupo minoritário”, visando a manutenção das desigualdades sociais (SEPULVEDA; SEPULVEDA, 2016, p. 81). O conservadorismo nasce a partir da crítica ao Iluminismo e à Revolução Francesa, constituindo assim um ideário contrarrevolucionário e antidemocrático. Levando em conta esse aspecto, pode-se considerar que “o desenvolvimento do pensamento dxs conservadorxs está relacionado ao seu tempo histórico, ao seu grupo social ou a posição que ocupam na sociedade, e influenciará em suas práticas políticas” (idem, p. 86).

Hirschmann (1992), que trazemos como uma referência para tratar do conteúdo dos discursos mobilizados pelo MESP, considera o desenvolvimento do pensamento conservador nos termos de contra-investidas reacionárias. Fazendo um paralelo com o esquema de T. H. Marshall para o desenvolvimento da cidadania nas sociedades ocidentais contemporâneas - o avanço linear com a conquista sucessiva de direitos civis no século XVIII, seguida pelos direitos políticos no XIX e culminando nos direitos sociais do XX - Hirschmann contrapõe a esse sistema a noção de que, ao contrário de uma progres-

são ininterrupta, a expansão de direitos e garantias sofreu diversas oposições ideológicas que, muitas vezes, foram bem sucedidas em interromper ou mesmo reverter esse processo de avanço. Por sua vez, Hirschmann desenvolve um sistema próprio onde apresenta de que forma essa movimentação reacionária se estrutura. Porém, ele não está preocupado em um estudo conceitual das bases históricas e sócio-políticas do pensamento conservador, mas sim em tratar dos,

tipos formais de argumento ou de retórica, dando ênfase, pois, às posturas e manobras políticas mais importantes e provavelmente mais utilizadas por aqueles que têm como objetivo desalojar e derrubar as políticas e os movimentos de idéias “progressistas” (HIRSCHMANN, 1992, p. 15).

É partindo desses elementos retóricos e argumentativos que Hirschmann apresenta o seu modelo de três teses reacionárias: a tese da perversidade, que dita que “qualquer ação proposital para melhorar um aspecto da ordem econômica, social ou política só serve para exacerbar a situação que se deseja remediar”; a tese da futilidade, que “sustenta que as tentativas de transformação social serão infrutíferas, que simplesmente não conseguirão ‘deixar uma marca’”; e a tese da ameaça, que “argumenta que o custo da reforma ou mudança proposta é alto demais, pois coloca em perigo outra preciosa realização anterior” (idem, p. 15-16).

Nosso objetivo aqui é abordar as maneiras como o MESP estrutura seus argumentos, usando as teses apresentadas por Hirschmann como ferramentas que permitem o desenvolvimento de uma perspectiva específica sobre o discurso do movimento. Mais especificamente, lançaremos mão da tese da ameaça, pois percebemos que ela desempenha um papel central para que o MESP construa os fundamentos do seu posicionamento conservador para a educação: a oposição entre liberdade de expressão em sala de aula e liberdade de aprender.

A tese da ameaça é utilizada para construir a noção de que qualquer mudança política - no sentido de um avanço ou expansão de direitos - “acarreta custos ou consequências inaceitáveis de um ou outro tipo” (idem, p. 73). A ideia é que o progresso em uma nova frente de conquista de direitos corre o risco de anular conquistas que já foram estabelecidas. Usando o sistema marshalliano como ponto de referência, Hirschmann afirma que a tese da ameaça foi aplicada, primeiramente, para transformar em consenso os argumentos de que a democracia colocaria em risco a liberdade, ou seja, que a consolidação dos direitos políticos na forma do sufrágio universal atentaria contra as liberdades individuais, porque nivalaria por baixo a evolução política e econômica da sociedade à um denominador determinado pelas massas, acabando assim com a excepcionalidade das elites e seu potencial para efetivar o progresso técnico e civil. Outro argumento dessa tese é o que dita os perigos do *Welfare State* (Estado de bem-estar social) para a democracia e para a liberdade, a noção de que o modelo de Estado provedor - estabelecido após a Crise de 1929 e a Segunda Guerra Mundial - torna-se um promotor de coerção social, uma vez que a expansão das competências assistencialistas do Estado o levariam a aumentar sua intervenção na vida dos indivíduos, ameaçando as liberdades civis e políticas.

Hirschmann aponta que os argumentos baseados na ameaça se sustentam numa lógica do *ceci tuera cela* (isso matará aquilo) - por exemplo: a rádio matou o jornal; a televisão matou a rádio; a internet matou a televisão, etc.

O recurso frequente a afirmações do tipo *ceci tuera cela* pode ser interpretado como tendo raízes em uma renitente ‘mentalidade de soma zero’. O jogo de soma zero, em que os ganhos do vencedor são matematicamente iguais às perdas do derrotado, é com certeza predominante no mundo dos jogos, e tem uma poderosa presa sobre nossa imaginação estratégica. (...) Examinando com mais aten-

ção, vemos com frequência que as afirmações *ceci tuera cela* apontam para um desfecho negativo, mais que de soma zero: perdemos e ganhamos, mas o que perdemos é mais precioso que o que ganhamos. É um caso de um passo para a frente e dois para trás: o que, em um primeiro momento, parece ser progresso não só é ilusório como franca-mente empobrecedor. Também nesse caso tais situações lembram a sequência *Hubris:Nêmesis*, em que o homem é punido pelos deuses por ter tido acesso a conhecimentos proibidos ou por ter se tornado poderoso, rico ou bem-su-cedido demais; no final, ele acaba em pior situação que no início (se não morto). (idem, p. 103-104).

Assim, a tese da ameaça se fundamenta nessa estrutura do conto moral, onde, assim como nas histórias onde o protagonista que se deixa levar pelo descomedimento (*hubris*) acaba encontrando o seu fim definitivo (*nêmesis*), os processos políticos correm o risco de, ao se exceder nos seus objetivos duvidosos, colocar a perder os ganhos verdadeiramente legítimos que vieram antes.

É necessário considerar que nossa apropriação da tese da ameaça se aplica num contexto diferente ao da proposta original de Hirschmann. Apesar do modelo das teses reacionárias servir como uma crítica ao esquema marshalliano, este ainda serve como principal base para o desenvolvimento das teses. Tal relação não poderá ser reproduzida aqui, uma vez que as especificidades da discussão em torno do MESP não podem ser traduzidas para se adequarem perfeitamente à divisão de Marshall e de Hirschmann. O que propomos é a utilização da tese da ameaça como uma categoria analítica que possibilita um olhar diferenciado a respeito das maneiras como o MESP se posiciona no debate educacional.

II. A retórica reacionária do MESP e seu projeto de escolarização

O MESP busca consolidar uma concepção própria da escolarização através da via política. A perspectiva do movimento implica em definições específicas a respeito do que é ensino, aprendizado, como deve-se estruturar as relações entre professores e estudantes em sala e o trabalho com conteúdos curriculares. Isso leva a uma disputa pelo próprio sentido dessas palavras, constantemente recontextualizadas pelo movimento dentro de um léxico conservador. É a partir daí que o MESP delinea sua territorialidade dentro dos debates em que está inserido. Quando o movimento reivindica para si mesmo o direito de dizer quais são os “verdadeiros” significados de ensinar, aprender, ser um professor, ser um estudante, ele está se colocando como o único interlocutor possível para o debate.

Como mencionado anteriormente, a forma que essa estratégia assume é uma de aspectos conservadores. É partindo desse viés que a concepção pedagógica do movimento é semeada. Podemos observar essa base conservadora do MESP na grande importância que ele atribui à instituição familiar como a fundadora da formação dos indivíduos, tendo a escola uma função complementar e secundária nesse processo; a separação entre as noções de instrução – os conteúdos curriculares prescritos – e educação – a moral e os valores – a primeira que caberia à escola, a segunda à família; além da demanda de que a educação escolar cumpra com os desígnios de certa pluralidade que se traduz, na prática, como a imposição de que a atuação docente seja neutra. Assim, cria-se uma linha hierárquica para questões cujo tratamento é de responsabilidade exclusiva do âmbito familiar e outras do escolar.

Penna (2016) aponta que o MESP representa, mais especificamente, um “projeto de escolarização completamente destituído de qualquer caráter educacional”(idem, p. 46). Segundo essa perspectiva:

A escolarização deveria limitar-se à transmissão de um conhecimento produzido em um outro espaço, sem dialogar com a realidade em que o aluno está inserido. Essa interpretação é confirmada por um livro que serve de referencial teórico para esse movimento e é um dos quatro livros citados na “biblioteca politicamente incorreta” do seu site: “Professor não é educador” de Armindo Moreira. O livro apresenta como tese central justamente a dissociação entre o ato de educar, que seria responsabilidade da família e da religião, e o ato de instruir, a que o professor deveria se limitar em sala de aula. (*idem*, p. 46).

Para Penna, os riscos dessa visão sobre educação estariam na transformação das relações de ensino-aprendizagem numa “transição econômica; na qual o aluno e a família são os consumidores; os professores e as escolas, os prestadores de um serviço” (*idem*, p. 50).

A implementação de tal lógica na escola e nas relações de ensino-aprendizagem teria como consequência a criação daquilo que Licínio Lima (2011) chama de uma educação indecisa. O oposto de uma pedagogia da autonomia, preocupada em fomentar através das relações de ensino-aprendizagem prática democrática da decisão, a educação indecisa seria “heterônoma, regulada por outrem”, promovendo “a inação a passividade e a acomodação, o imobilismo e a irresolução” (LIMA, 2011, p. 4). Através do seu projeto de escolarização, o MESP retira de professores e estudantes a autonomia para decidir sobre o processo de ensino-aprendizado, descartando um certo sentido de educação e produzindo outro.

A concepção pedagógica do MESP também se encontra inserida num cenário mais amplo de lutas pelo sentido da educação. Pode-se interpretar o caráter conservador do movimento como resultado do desenvolvimento de sociedades multiculturais, surgidas num contexto pós-colonial de fim da Guerra Fria, com a consolidação de uma nova forma de capitalismo e as contradições do processo de globalização. O MESP, por sua vez, com sua reivindicação por um pluralismo pau-

tado na neutralidade das práticas escolares, representaria um projeto conservador de multiculturalismo, promovendo uma ideologia de assimilação às tradições da maioria, naturalizando a diferença para que o status quo seja preservado (MACEDO, 2006, p. 335).

Da mesma forma, ainda nos anos 1980 as concepções pedagógicas produtivistas já começam a traçar caminhos em direção à defesa de uma educação neutra, objetiva e voltada para as demandas de um mercado globalizado (SAVIANI, 2005). A educação é convertida numa simples ferramenta a qual indivíduos - não sujeitos - recorrem para "adquirir os meios que lhes permitam ser competitivo no mercado de trabalho" (SAVIANI, 2005, p. 21). É assim que se constrói o "neoliberalismo educacional", uma narrativa em torno de soluções - "terapias pedagógicas" - para os problemas e conflitos sociais através do mercado e da capacitação individual (LIMA, 2005). Assim, a despolitização da escola surge como mais uma manifestação dessa busca conservadora por um modelo de educação que atenda a esses ideais.

III. As referências intelectuais do MESP

Nosso objetivo, de maneira geral, é analisar o uso da tese da ameaça como um elemento central do discurso reacionário do MESP e, para tanto, nos propomos a focar nossa investigação sobre os textos compartilhados pelo movimento, sejam aqueles produzidos por indivíduos diretamente vinculados a ele ou por aqueles que lhes servem de referência intelectual. Estes textos podem ser encontrados numa seção específica do site do MESP, a área de "Artigos". Essa parte da página é definida da seguinte forma:

Divulgaremos neste espaço artigos relacionados à questão da instrumentalização do ensino para fins político-partidários e ideológicos. As páginas do EscolasemPartido.org estão abertas a todos os que tenham algo a dizer

sobre o tema de que nos ocupamos, não importando a faixa do espectro político-ideológico em que se situem⁵.

Entendemos que tal identificação expressa uma intenção de transformar a seção num eixo para mobilização de discursos que construam relações com o discurso do MESP. Consequentemente, foi isso que se construiu ao longo do tempo: uma rede de articulação teórica, conceitual e discursiva entre vários autores, leigos ou não, em torno da missão do movimento. Porém, da mesma forma que o MESP e seu site foram se constituindo como eixos em torno do qual essas ideias puderam se articular, o próprio movimento também foi se estruturando ao longo do tempo a partir dessas influências. Então, consideramos relevante mapear como esse sistema de circulação de informações se formou de maneira a nos conduzir ao movimento que encaramos atualmente.

A nossa proposta é identificar nessa seção as principais referências intelectuais do MESP. O primeiro exemplo de destaque chama a atenção pois ele é reconhecido e mencionado explicitamente pelo próprio movimento como uma influência central, mesmo não sendo o autor com o maior número de artigos publicados: Nelson Lehmann da Silva (publicado 6 vezes). Todos seus textos são acompanhados da sua foto ao lado da seguinte legenda: “O artigo abaixo foi escrito pelo saudoso Prof. Nelson Lehmann da Silva, pioneiro na luta contra a doutrinação ideológica nas escolas, grande incentivador do EscolasemPartido.org⁶”. Para além deste caso, em que o próprio movimento identifica suas inspirações, outro critério para reconhecer as referências mais importantes para o MESP seria identificar os autores com mais textos citados. Apenas quatro autores contam com mais de dez publicações no site do movimento: Reinado de Azevedo (16 vezes); Olavo de Carvalho (15 vezes); Miguel Nagib (13 vezes); Luiz Lopes Diniz Filho (13 vezes)⁷.

⁵ Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/artigos>. Acesso em 12/06/2017.

⁶ Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/artigos-top/173-a-doutrinacao-ideologica-nas-escolas>. Acesso em 12/06/2017.

⁷ O site do MESP sofre uma reformulação em 2012 e alguns dos artigos originalmente indicados foram apagados. Estamos usando aqui a lista completa, contando os artigos que foram apagados, utilizando a ferramenta

Nossa preocupação na presente análise é menos com os indivíduos que militam na defesa do movimento e ajudam a definir as suas pautas atualmente, mas sim com as referências que ajudaram a formar os elementos constituintes da retórica reacionária do MESP. Neste caso, apenas dois dos autores mencionados acima tem textos redigidos antes da fundação do MESP e publicados posteriormente na seção “artigos”: Nelson Lehmann da Silva⁸ e Olavo de Carvalho⁹. A existência prévia desse material e sua posterior apropriação pelo MESP torna especial a influência desses dois autores na trajetória do movimento. Assim, tomamos estes como os precursores da retórica reacionária do MESP. A história de Lehmann nos auxilia particularmente a reconstruir a relação que viria a se construir entre essas figuras e o MESP.

Lehmann, falecido em 2011, foi professor dos Departamentos de História e Ciência Política da Universidade de Brasília (UnB). Porém, é sua atuação como membro do Instituto Liberal de Brasília (ILB) explica a relação com Olavo de carvalho e o MESP. Atualmente extinta, a organização era uma filial do Instituto Liberal, associação criada em 1983 com o objetivo de difundir os princípios do liberalismo¹⁰ em

menta Wayback Machine. A seção original de artigos antes da reformulação ainda pode ser acessada em: https://web.archive.org/web/20111017191534/http://www.escolasempartido.org/?id=38,1,topico,2,1,new_topic,. Acesso em: 12/06/2017.

⁸ Seguindo às datas originais de publicação, são esses “A posição do MEC” (2004), “Ensinar X Doutrinar – vícios da educação escolar para a cidadania” (2004) e “Como se faz a doutrinação” (2004); “A Doutrinação ideológica nas escolas” (2004), “Escola sem partido?” (2005) e “A doutrinação continua” (2009). Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/artigos>. Acesso em 12/06/2017.

⁹ Seguindo às datas originais de publicação, são esses “Neutralidade e ortodoxia” (1998), “Educação e consciência” (1999), “Ideário do abuso” (2000), “Consciência reprimida: duas notas” (2000), “O estupro intelectual na infância (carta de Miguel Nagib ao professor lomar)” (2003) e “Engenharia da delinquência” (2003). Outros textos também reproduzidos pelo MESP surgem após sua fundação em 2004, também como republicações de outros portais: “Enquanto a Zé-lite dorme” (2006), “Uma glória da educação nacional” (2007), “Reação débil e tardia” (2007), “Um guru da educação brasileira” (2009), “Paranóia sociológica” (2009), “Educação e deformação” (2009), “Os novos demíurgo” (2009), “Viva Paulo Freire” (2012), “Bobinha” (2013), “Carta de um aluno” (2014). Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/artigos>. Acesso em 12/06/2017.

¹⁰ As bases do ideário liberal que a instituição divulga estão sedimentadas na vertente neoliberal. O neoliberalismo se desenvolve a partir dos anos 1930, com as obras dos economistas Friedrich Hayek e Ludwig Von Mises, fundadores da Escola Austríaca. Esse é um contexto de crise do liberalismo clássico e surgimento de modelos econômicos e políticos alternativos como o comunismo soviético, o fascismo italiano, o nazismo alemão e o reformismo keynesiano. A Escola Austríaca aparece principalmente como uma resposta ao modelo de intervenção do Estado na economia do keynesianismo, propondo “o retorno ao capitalismo livre de

segmentos profissionais como “políticos, empresários, professores universitários, jornalistas, militares e intelectuais em geral” (GROS, 2002, p. 131). O envolvimento de Lehmann com o ILB consta nas rememorações autobiográficas presente em um dos apêndices do livro *A religião civil do Estado moderno* (2016), sua principal obra, e está diretamente ligada às suas convicções políticas conservadoras: “O que me parece urgente hoje é chamar a atenção da sociedade brasileira para a onipresente falácia dos ideólogos de esquerda” (SILVA, 2016, p. 184). Ele define “o esquerdismo, ou seja, o socialismo utópico” como uma “persistente doença infantil” e considera a literatura neoliberal como a resposta definitiva para combater tais correntes (idem, p. 189).

Pode-se observar no site do ILB¹¹ que questões envolvendo temas que se tornariam caros para o MESP, como a doutrinação ideológica nas escolas, já apareciam em textos publicados por Lehmann bem antes da fundação do movimento em 2004. Assim como seu correspondente nacional, o ILB tinha a mesma função de servir como ponto de encontro para articulação política da intelectualidade conservadora e neoliberal da região. Dentre os contatos criados pela organização, Lehmann faz questão de ressaltar que “entre as amizades me foram direta ou indiretamente proporcionadas pelo Instituto Liberal, consta-se a de Olavo de Carvalho” (idem, p. 183). O próprio Olavo de Carvalho, por sua vez, reconheceu a importância fundadora de Lehmann para o MESP. Em uma publicação de 11 de janeiro de 2016 em seu perfil no Facebook, Olavo menciona-o como um pioneiro na denúncia de “livros didáticos recheados de propaganda comunista”,

controles, à economia gerida pela ordem espontânea do mercado” (GROS, 2002, p. 74). A desregulamentação da economia se traduz na da própria sociedade. Assim, a noção de individualidade pautada pela propriedade privada; a valorização da liberdade econômica como princípio maior da ordem social e a relativização da liberdade política; a naturalização da desigualdade entre homens e mulheres; a garantia a um Estado de Direito baseado no governo das leis – em que “os homens sejam tratados com igualdade, mas não que sejam igualados” (GROSS, 2002, p. 81) – são conceitos estruturais para o neoliberalismo.

¹¹ A página se encontra fora do ar, mas todas as suas publicações podem ser acessadas pelo *wayback machine*. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20020708123543/http://www.bsb.netium.com.br/inst.liberal/>. Acesso em: 12/06/2017.

afirmando que “inspirado no Lehmann, o promotor Miguel Nagib criou o ‘Escola sem Partido’”¹².

O comentário de Carvalho não traz uma relação meramente circunstancial. Através da página do ILB podemos verificar na lista de associados da instituição os nomes de Miguel Nagib e Bráulio Porto de Matos – respectivamente, o atual coordenador e vice-presidente do MESP - como membros do ILB pelo menos desde 2002, bem antes dos ocorridos que, segundo a versão oficial da criação do MESP, levaram o movimento a se constituir¹³. Através do ILB, temos um ponto de virada significativo com o desvelamento de uma história subterrânea do MESP, uma versão alternativa à narrativa oficial de Nagib. Contrariamente, o envolvimento dos próprios criadores do MESP com uma entidade como o ILB anos antes da fundação do grupo demonstra toda uma outra dimensão de interesses e motivações políticas por trás da existência do movimento.

A figura de Olavo de Carvalho é igualmente importante, em primeiro lugar, devido à sua inserção dentro do cenário político contemporâneo. A trajetória do filósofo associa-se intimamente ao fortalecimento de movimentos de orientação conservadora, que se consolidaram nos últimos 20 anos através de pautas como a desconfiança dos meios de comunicação e dos saberes acadêmicos, além de encontrarem na internet um dos seus principais meios de divulgação¹⁴. Assim como no caso de Lehmann e do ILB, isso recontextualiza o MESP dentro de um cenário de disputas políticas muito mais amplo do que o próprio movimento. Da mesma forma, tal consideração nos leva ao segundo motivo para a importância de Carvalho nesse sistema de relações. Porque, ao contrário do que afirma a narrativa fundadora de Nagib em torno do professor de história que comparou

¹² Disponível em: <https://www.facebook.com/olavo.decavalho/posts/10153826982267192>. Acesso em: 12/06/2017.

¹³ Disponível em: <https://web.archive.org/web/20021204030802/http://www.bsb.netium.com.br:80/inst.liberal/associados.htm>. Acesso em: 12/06/2017.

¹⁴ “A direita abraça a rede”. Pública - agência de reportagem e jornalismo investigativo, 22/6/2015. Disponível em <http://apublica.org/2015/06/a-direita-abraca-a-rede/>. Acesso em: 4/6/2017.

São Francisco de Assis com Che Guevara para “doutrinar” sua filha, as questões que o MESP está levantando não surgem com o movimento, muito menos fazem parte de uma cruzada moral de famílias preocupadas com a educação de seus filhos. Em torno do discurso de despolitização da escola e do ensino, o MESP se alimenta de motivações e projetos essencialmente políticos.

IV. A “dupla certidão de nascimento” do MESP: Olavo de Carvalho ajudou a dar à luz o “Escola Sem Partido”

Optamos, uma vez justificada a escolha de Olavo de Carvalho dentre os outros autores mais citados da seção “artigos”, por tomar como principal objeto de análise o texto “O estupro intelectual da infância (carta de Miguel Nagib ao professor Iomar)”¹⁵. Nossa proposta é analisar esse texto por completo, utilizando-o como referência para compreender importantes elementos do discurso do MESP. A escolha do texto se justifica pelos motivos que nos levarão a chamá-lo de a “dupla certidão de nascimento” do MESP.

Na narrativa de criação do MESP, o advogado Miguel Nagib conta que escreveu um texto denunciando a atitude do professor de história da sua filha e foi distribuí-la na frente da escola particular onde ela estudava. Segundo relatos da época, o tal documento não estaria assinado pelo seu autor e, apesar de ter sido escrito no formato de uma carta, não foi entregue diretamente ao seu destinatário, mas a pais e alunos na entrada da escola¹⁶. Nós podemos ter hoje acesso ao referido documento porque ele foi divulgado por Olavo de Carvalho, acompanhado de um texto da autoria deste último. Um detalhe importante, e que nos permite afirmar a existência de uma rede de contato que incluía Miguel Nagib e Olavo de Carvalho muito

¹⁵ Disponível em: <https://web.archive.org/web/20030921075113/http://www.olavodecarvalho.org/convidados/mnagib.htm>. Acesso em: 12/06/2017.

¹⁶ Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/sindrome-de-estocolmo/114-caso-sigma>. Acesso em 08/04/2017.

provavelmente através do ILB, é que a carta escrita pelo primeiro e o texto que a acompanhou redigida pelo segundo estão datadas do mesmo dia: 19 de setembro de 2003. A importância da carta está estabelecida no próprio mito de origem do MESP e a relevância do texto escrito por Olavo se dá por ele antecipar várias das estratégias retóricas utilizadas no discurso reacionário do movimento, especialmente o recurso à tese da ameaça representando os professores como abusadores de crianças – no caso específico, como estupradores. Por isso, chamaremos este documento composto pela carta de Nagib e o texto de Carvalho de a “dupla certidão de nascimento” do MESP.

A nossa análise da “dupla certidão de nascimento” do MESP será focada no texto redigido por Olavo de Carvalho por duas razões. A primeira deve-se à hipótese que pretendemos corroborar com a análise que será realizada na sequência: que o discurso produzido por Olavo de Carvalho utiliza, antes mesmo da fundação do MESP, estratégias retóricas que serão mobilizadas, exploradas e expandidas pelo movimento. A segunda razão dá-se devido à nossa leitura de que a carta redigida por Nagib não traz muitos elementos interessantes para a compreensão do discurso do MESP, constituindo basicamente um esforço retórico para mostrar a diferença entre São Francisco de Assis e Che Guevara. A redação da carta é mais reveladora da combinação explosiva do anticomunismo com o fervor religioso do seu autor, evidenciados em passagens como esta:

“Che” Guevara era tão parecido com Francisco de Assis quanto um discípulo de satanás se parece com um discípulo de Nosso Senhor. De família rica, São Francisco de Assis abraçou a pobreza para levar amor onde houvesse ódio; “Che” Guevara largou tudo para levar o ódio a toda parte. São Francisco olhava para o Céu; “Che” Guevara não olhava senão para sua utopia materialista. O Santo dedicou sua vida ao Evangelho; o guerrilheiro, à mais assassina das ideologias. Amigo de Deus, São Francisco ajudou

a edificar o Seu Reino; amigo de Fidel – que o traiu, enviando-o para a morte na selva boliviana –, “Che” Guevara ajudou a implantar o único regime totalitário da história da América Latina e uma das ditaduras mais antigas do planeta (NAGIB, 2003).

A carta, além de tentar mostrar o “absurdo” da comparação entre o santo e o “monstro”, reforça duas ideias importantes para o discurso posterior do movimento. A primeira delas é a da “doutrinação ideológica” como o ato de impingir “às frágeis consciências” a visão de mundo do professor. A segunda ideia é a oposição entre “transmitir o conhecimento” aos alunos e capacitá-los para “transformar o mundo”, como se fossem tarefas incompatíveis. As ideias da “doutrinação ideológica” e da dissociação entre educar e instruir serão importantes no discurso do MESP, mas são apenas citadas por Miguel Nagib na carta.

Venho acompanhando há algum tempo o seu incansável esforço para doutrinar ideologicamente as crianças do Sigma, impingindo às suas frágeis consciências a visão que o senhor tem do mundo; e sei que para atingir esse objetivo – que o senhor certamente acredita ser necessário para a “construção de um mundo melhor” –, o senhor não hesita em aplicar à complexa disciplina que leciona o modelo de narrativa das histórias infantis, onde o Mal jamais se confunde com o Bem. (...) Ora, direis, se as crianças gostam e aprendem, por que não? Além disso, não podemos esquecer que o senhor é um idealista e que o seu objetivo não é propriamente transmitir aos alunos um conhecimento objetivo sobre o passado, mas capacitá-los a “transformar o mundo”, não é verdade? Daí a necessidade de fornecer-lhes aquele conjuntinho básico de certezas que eles mais tarde vão poder usar numa mesa de botequim, num almoço em família, ou quem sabe até na vida pública. O senhor pensa longe, Professor (NAGIB, 2003).

V. “O estupro intelectual da infância”: o discurso de Olavo de Carvalho como referência para o MESP

Reproduziremos, nesta seção, o texto completo “O estupro intelectual da infância”, entremeado com as análises das passagens e utilizando-as para fazer referências a estratégias retóricas posteriormente exploradas pelo MESP. Como nosso foco é no recurso à tese da ameaça pelo discurso reacionário, vale a pena destacar que o próprio título do texto já aponta para a figura do professor como o foco desta ameaça porque é ele que realizará “o estupro intelectual da infância”. Veremos que esta ideia é desenvolvida ao longo do texto.

Esta é a carta que um pai, cansado de ver a filha e suas colegas usadas como plateia dócil para a propaganda comunista num colégio de Brasília, enviou ao responsável por esse abuso intelectual de menores. É um documento humano da maior relevância para a compreensão da atual loucura brasileira. O professor ensinava às meninas que Che Guevara era um santo do mesmo estofo moral de Francisco de Assis. Mas o que pode haver de comum, perguntava o remetente, entre o místico que professava: “Onde houver ódio, que eu leve o amor”, e o revolucionário sangrento que ensinava seus seguidores a transformar-se, pelo cultivo sistemático do ódio, em “eficientes e frias máquinas de matar”? (CARVALHO, 2003).

Olavo de Carvalho apresenta o seu texto como se ele fosse apenas uma introdução para a divulgação da carta produzida por Miguel Nagib e a representa como um documento importante para compreender a “atual loucura brasileira”. No entanto, ele é muito mais do que isso, porque antecipa várias das estratégias retóricas que serão exploradas pelo MESP ao longo da sua trajetória, ao representar o professor como “responsável por esse abuso intelectual de menores” e os alunos como “plateia dócil para a propaganda comunista”. A resposta que Olavo de Carvalho dará em seguida sobre a pergunta do que há de comum entre São Francisco de Che Guevara será repetida e reafirmada pelos defensores do MESP nos anos subsequentes.

A resposta, evidentemente, não se encontra nem nos escritos de São Francisco, nem nos de Che Guevara. Encontra-se nos “Cadernos do Cárcere” de Antonio Gramsci, onde se ensina que a Igreja não deve ser combatida, mas esvaziada de seu conteúdo espiritual e usada como caixa de ressonância da propaganda comunista. Suprimido o conteúdo do seu discurso, esvaziado da fé cristã, da caridade, da obediência a Deus, reduzido ao estereótipo banal do jovem rico que abandona a família para ir falar aos pobres, Francisco torna-se indiscernível de Guevara. Eis o ensinamento de Antonio Gramsci transformado em prática pedagógica. (CARVALHO, 2003).

O elemento responsável pela comparação seriam os ensinamentos do filósofo italiano Antonio Gramsci. A limitação de espaço do presente texto não nos permite criticar a caracterização deturpada das ideias do filósofo, mas o que aqui nos importa é perceber como o pensamento do filósofo é identificado como a grande teoria por trás de uma suposta conspiração comunista e, ainda segundo Olavo de Carvalho, transformado em prática pedagógica. Em termos de pensamento educacional, outro alvo recorrente de Carvalho é Paulo Freire. No texto “Educação e Consciência” (1999), que também faz parte do acervo da seção “artigos” da página do MESP e também é anterior à fundação do movimento, é dito que Freire é “um sujeito oco, o tipo acabado do pseudo-intelectual militante” e que “sua fama baseia-se inteiramente no lucro político que os comunistas obtêm do seu método. Esse método, aliás, não passa de uma coleção de truques para reduzir a educação à doutrinação sectária”¹⁷. É impressionante notar como o MESP se apropriará deste discurso, reproduzindo-o muitos anos depois.

O coordenador do MESP compartilhou no seu perfil público em uma rede social, no dia 30 de agosto de 2015, duas imagens (uma delas o cartaz com os “deveres do professor” e outra a imagem de

¹⁷ Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/artigos-top/176-educacao-e-consciencia-entrevisa-com-o-filosofo-olavo-de-carvalho>. Acesso em: 4/6/2017.

um vampiro morrendo com uma estaca cravada no seu coração) acompanhada dos dizeres: “A afixação desse cartaz nas salas de aula – como prevê o PL Escola Sem Partido – terá o efeito de uma estaca de madeira cravada no coração da estratégia gramsciana que vampiriza os estudantes brasileiros *há mais de 30 anos*” (grifos nossos). No mesmo dia, Nagib publicou a mesma imagem do vampiro morrendo com uma estaca no coração (desta vez ela havia sido editada para que o rosto de Gramsci fosse sobreposto ao do vampiro e o logo do MESP fosse afixado na estaca) acompanhada do comentário: “Conde Gramsci, o vampiro que vampiriza a educação brasileira, com a ajuda de Paulo Nosferatu Freire, pode estar com seus dias contados”¹⁸. Podemos perceber que as ideias defendidas por Olavo de Carvalho antes da fundação do MESP foram incorporadas ao discurso dos seus propositores. Outra consideração importante é constituída pelo recorte temporal proposto por Miguel Nagib para o início da doutrinação: 30 anos. É importante destacar que ele identifica o início do problema da doutrinação com o fim da ditadura e a redemocratização no Brasil. Este marco temporal é importante para entender quando surge a ameaça à qual o MESP se refere.

O atual ministro da Educação, sr. Christovam (sic) Buarque, não há de querer alegar que a conduta do professor de Brasília é um caso isolado. A mentira perversa que esse cidadão inocula em suas alunas é doutrina oficial ou pelo menos oficiosa do governo brasileiro, condensada na “teologia da libertação”, personificada no guru presidencial Frei Betto e retransmitida diariamente a milhões de crianças brasileiras nas escolas públicas e particulares. Que uma delas tente objetar, mesmo timidamente, e saberá o que é ser alvo de discriminação, de intimidação psicológica, quando não da ameaça explícita de ver sua carreira escolar arruinada. O método pedagógico implantado neste país é o do estupro intelectual, calculado por

¹⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=425336157671680&set=pb.100005858980838.-2207520000.1496589524.&type=3&theater>. Acesso em: 4/6/2017.

Antonio Gramsci para alcançar suas vítimas numa idade em que seus cérebros não estejam prontos para reagir criticamente a um assédio publicitário incansável e brutal. (CARVALHO, 2003).

Temos no parágrafo reproduzido acima outra das estratégias retóricas delineadas por Olavo de Carvalho que será reproduzida com frequência pelos defensores do MESP: a ideia de que a doutrinação não constitui um caso isolado, mas faz parte de uma doutrina oficial do governo brasileiro. Uma doutrina que não abriria espaço para a objeção por parte dos alunos e teria sido meticulosamente calculada por Gramsci, ainda segundo Olavo de Carvalho, como uma forma de “estupro intelectual”. A ideia de uma conspiração coordenada intencionalmente pela esquerda para doutrinar os jovens será reforçada pelo coordenador do MESP em suas falas posteriores. Em um vídeo gravado com o grupo Revoltados Online, Miguel Nagib diz: “Há um ataque frontal à família. O petismo continua... porque o PT está momentaneamente fora do poder, mas o petismo continua dominando a máquina do Estado e sobretudo o sistema educacional”.¹⁹ Para um movimento que se diz apartidário, o MESP parece ter um foco de ataque bastante específico e que reforma a estratégia retórica de Olavo de Carvalho ao insistir na existência de uma grande conspiração que dominaria a máquina do Estado com uma doutrina oficial.

Mas os manipuladores não se contentam com a propaganda doutrinária. Passam à arregimentação ativa, usando seus alunos como exército de reserva para engrossar passeatas convocadas pelo partido governista ou pela rede internacional de ONGs esquerdistas milionárias, que, mui gramscianamente, se autodenomina “a sociedade civil organizada”, ou seja, o Partido sob outro nome. Aí, também, a indocilidade custa caro ao aluno. Um de meus próprios filhos já foi vítima disso. (CARVALHO, 2003).

¹⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LpIMeRoMhWA>. Acesso em: 12/06/2017.

O parágrafo reproduzido acima, assim como o abaixo, vai ampliar a ideia de uma conspiração ampla, com a participação da sociedade civil organizada. Reforça também outra estratégia discursiva muito utilizada pelo MESP e movimentos similares, que é uma aproximação entre o comunismo e o fascismo. Além disso, outra convergência entre o discurso de Olavo de Carvalho e o do MESP é que este problema tem início com a redemocratização, já que Cristovam Buarque estaria administrando o legado iniciado por governos anteriores.

As escolas brasileiras, sustentadas com o dinheiro de nossos impostos ou de nossas mensalidades, transformaram-se em centros de adestramento da juventude comunista, ou fascista, já quase pronta para denunciar os pais à autoridade constituída quando ouvir em casa alguma conversa politicamente imprudente. O que não posso, em sã consciência, é lançar a culpa de tudo no sr. Christovam (sic) Buarque. Seu antecessor no cargo já fez o possível para aplinar os caminhos do demônio. O sr. Buarque é apenas o feliz herdeiro e administrador desse legado macabro. (CARVALHO, 2003).

Considerações finais

Com as questões aqui levantadas, procuramos tratar dos temas referentes ao MESP, seus projetos e visões a respeito de educação através de outros ângulos. Para que isso fosse possível, entendemos ser necessário nos apropriarmos desses objetos de maneira a demonstrarmos a interlocução que eles desenvolvem com movimentos e iniciativas de natureza semelhante e que já vem se consolidando ao longo do tempo. Assim, intentamos comprovar que o discurso que sustenta o MESP não nasce com o movimento, mas faz parte de uma relação de disputas mais amplas pelo sentido da educação.

A recapitulação realizada a respeito das conexões entre Nelson Lehmann, Olavo de Carvalho e o movimento desempenhou o papel de apresentar a história do MESP antes de sua própria fundação, mostrando a inserção dos criadores e influências do grupo em uma mobilização de ideias conservadoras e projetos políticos em que o movimento se inclui. Consideramos significativo ressaltar a importância dessa estratégia na abordagem do MESP como um objeto de estudo. Isso porque, desde sua fundação, o movimento vem prospe- rando ao fazer o exato oposto, ou seja, afirmando que suas motivações são absolutamente despolitzadas e descompromissadas com qualquer tipo de ideário ou filosofia. Tal argumentação tem a finalidade de colocar o movimento e seus adeptos como intocáveis por todo tipo de crítica. Afinal, os críticos de uma escola “sem partido” só poderiam estar interessados numa escola aparelhada por ideologias políticas buscando converter estudantes vulneráveis para seus interesses. Essa estratégia de anular os questionamentos ao movimento e aos projetos de lei que dele derivaram só poderia ser bem-sucedida caso o MESP pudesse se revestir de uma aura igualmente apartidá-ria. É essa função que a versão oficial de Nagib sobre a criação do movimento cumpre. Esse é um dos pontos que pretendemos refutar nesse trabalho.

Nosso objetivo constitui-se na desnaturalização dessa narrati-va confortável que o MESP construiu para si mesmo a respeito de seus objetivos e motivações. Apontamos os caminhos possíveis para tanto ao resgatarmos a influência que personagens como Lehmann e Carvalho tiveram antes, durante e depois da criação do movimen-to. No caso de Carvalho, ainda tivemos a oportunidade de destrin-char alguns aspectos da formação do discurso em torno do risco da “doutrinação ideológica” para a liberdade de ensinar dos estudantes; argumentos que o MESP viria a consolidar, mas que antecedem ao movimento. A metodologia aplicada através da tese da ameaça ser-viu para mostrar os caminhos possíveis dessa abordagem.

Referências bibliográficas

CARVALHO, Olavo de. **O estupro intelectual da infância.** 2003. Disponível em: <http://www.olavodecarvalho.org/convidados/mnagib.htm>. Acesso em 4/6/2017

GROS, Denise Barbosa. **/Institutos Liberais e neoliberalismo no Brasil da Nova República.** Tese – (Doutorado em Ciências Sociais) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, São Paulo, 2003.

HIRSCHMANN, Albert. **A retórica da intransigência:** perversidade, futilidade, ameaça. São Paulo: Companhia das Letras, 1992

LIMA, Linício. “Cidadania e educação: adaptação ao mercado competitivo ou participação na democratização da democracia?”. In: **Educação, sociedade e culturas**, n 23, 2005.

_____. “Crítica da educação indecisa: a propósito da pedagogia da autonomia de Paulo Freire”. **Revista e-curriculum**, São Paulo, v.7, n.3, Dezembro 2011.

MACEDO, Elizabeth. “Por uma política da diferença”. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 128, maio/ago. 2006.

MOURA, Fernanda Pereira de. **“Escola Sem Partido”:** relações entre Estado, educação e religião e os impactos no ensino de história. 189 f. Dissertação – (Mestrado Profissional em Ensino de História) Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

NAGIB, Miguel. **Carta de Miguel Nagib ao professor Iomar.** 2003. Disponível em: <http://www.olavodecarvalho.org/convidados/mnagib.htm>. Acesso em 4 jun. 2017

PENNA, Fernando. “Programa “escola sem partido”: uma ameaça à educação conservadora”. In: GABRIEL, Carmen; MONTEIRO, Ana Maria & Martins, Marcus Leonardo (orgs). **Narrativas do Rio de Janeiro nas salas de aula de história.** Mauad X, Rio de Janeiro, 2016.

SAVIANI, Demerval. "As concepções pedagógicas na história da educação brasileira" In: **Projeto 20 anos do Histedbr**, Campinas, 25 de agosto de 2005.

SEPULVEDA, Denize; SEPULVEDA, José Antonio. Conservadorismo e educação escolar: um exemplo de exclusão. In: **Movimento - Revista de Educação**, ano 3, n. 5, 2016

SILVA, Nelson Lehmann da. **A Religião Civil do Estado Moderno**. 2^a ed. Campinas: Vide Editorial, 2016.